

MARIA DO CÉU PATRÃO NEVES

TRAÇOS DO PENSAMENTO FILOSÓFICO DE ANTERO



PONTA DELGADA • 1993

# Traços do pensamento filosófico de Antero

MARIA DO CÊU PATRÃO NEVES  
Universidade dos Açores

## 1. Dimensão eclética desta filosofia

Que Antero de Quental foi filósofo, que Antero de Quental é um dos mais notáveis portugueses, parece-nos hoje, tal como há já cem anos acontecia, indiscutível. E, todavia, a sua obra não nos oferece uma Filosofia na sua característica expressão sistemática, nem tão pouco os conceitos que a poderiam estruturar alcançam sempre uma significação precisa ou evoluem numa expressiva continuidade. Não obstante, Antero cumpriu o ideal de universalidade, apanágio da Filosofia, pois se não o concretizou na forma do seu pensamento (porque não nos legou qualquer sistema) realizou-o pela intencionalidade da sua reflexão, através da procura insane de uma explicação global, de um sentido único e unitário do real.

Não creio que nos possamos referir a uma «filosofia de Antero» mas sem dúvida devemos reconhecer — compreender, apreciar e aprender —, o «pensamento filosófico de Antero» (expressão também de Leonardo Coimbra)<sup>1</sup>, um pouco à semelhança aliás do que acontece em relação a uma dita «Filosofia portuguesa» que preferencialmente se designa pela expressão «Filosofia em Portugal» ou «pensamento filosófico português». Este foi sempre mais indisciplinado e irreverente, mais audaz e sonhador do que a magistral Filosofia o permitia. Assim, também Antero foi primeiramente poeta. E foi preciso que o poeta morresse para que das suas cinzas o filósofo se erguesse ou, nas palavras do Autor, «o filósofo, que por muito

---

<sup>1</sup> LEONARDO COIMBRA, «O Pensamento Filosófico de Antero», in *Obras de Leonardo Coimbra*. Porto, Lello & Irmão Editores, 1983, vol. II, pp. 373-483.

tempo só se exprimiu pela boca do poeta, acabou por confiscar, por absorver, por devorar o pobre poeta, e agora que este acabou, impõe-se ao filósofo (para não passar por um assassino gratuito e aleivoso) a obrigação de ser gente por si só e de falar pela própria boca»<sup>2</sup>. Antero foi poeta por natureza e filósofo por opção, sem que alguma vez os dois tivessem existido separadamente.

São já muitos os estudos feitos sobre o pensamento filosófico de Antero, se bem que ainda em número inferior aos que desenvolvem uma análise literária. Porém, o que dificilmente encontramos naqueles é uma abordagem sistemática de uma estrutura fundamental e específica característica do filosofar anteriano. A reflexão incide, regra geral, nas influências que Antero terá acolhido, e que são muitas, e também por vezes no modo como as cultivou, que foi bem diverso.

Sem dúvida que estes tópicos são já prenúncio de um trabalho exigente e fecundo. Aliás, é mesmo Antero que, de certa forma, propicia esta perspectiva de estudo, quer pela diversidade e riqueza das suas fontes a que a um dado momento se prende com entusiasmo e convicção (e que depois acontece abandonar, tal como sucedia na sua vida amorosa em que as relações não perduravam), quer pela sua própria concepção de Filosofia, sempre marcada pelo signo do eclectismo. Assim, é conhecimento comum, e tantas vezes apontado pelo Autor<sup>3</sup>, a importância de Hegel «na sua evolução intelectual», e igualmente de Michelet e Proudhon («os que mais se ressentem do espírito Além-Reno»), de Renan e Taine, Goethe e Rémusat, mas também de Leibniz, Kant e Hartmann, Cousin, Ravaisson e Boutroux, e ainda Haeckel e Spencer; o apreço por uma *Naturphilosophie*, ou por um socialismo moralista ou ainda pelo humanitarismo francês. Ora, a conci-

---

<sup>2</sup> Carta de Antero de Quental (de Vila do Conde) a D. Carolina Michaëlis, datada de 7 de Junho de 1885, in *Obras Completas de Antero de Quental. Cartas II*, Lisboa, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, 1989, n.º 465, p. 748.

Também em carta (do Porto) a Jaime Batalha Reis, datada de 24 de Dezembro de 1885, in *Cartas II*, n.º 476, p. 761 Antero afirma: «Empreendi, só com a força de vontade e da razão, não só curar uma nevrose, mas transformar um temperamento [...]. Este processo implicava uma morte violenta: a do poeta que em mim havia...». O Autor afirmara já, na continuação da carta primeiramente citada, que «a Poesia só está à vontade num mundo novo, jovem, enérgico» e que «afinal, aquilo de que o mundo precisa, nesta fase de extraordinário obscurecimento da alma humana, é de ideias, é de filosofia...». Assim, a exuberância da Poesia submerge sob o peso da maturidade da Filosofia.

<sup>3</sup> Veja-se, por exemplo, a carta autobiográfica a Wilhelm Storck, de 14 de Maio de 1887 (Ponta Delgada), in *Cartas II*, n.º 524, p. 833.



liação de todas estas formas de pensar, mesmo quando ensaiada entre diferentes aspectos em tempos sucessivos, como acontece em Antero, é extraordinariamente difícil, se não a quisermos mesmo reconhecer como efectivamente impossível na estrita interpretação de cada um deles. Eis, porém, o que Antero nunca fez, uma leitura rigorosa das obras a que aderiu<sup>4</sup>. A sua «imaginação ardente», como diz, mas sobretudo a agilidade e vigor do seu pensamento, inventivo e fértil, determinavam incoercivelmente interpretações diversas que vinham a contribuir para fortalecer o que se adivinhava como o seu pensamento filosófico, a «sua filosofia» — como Antero refere algumas vezes<sup>5</sup>.

«A verdadeira filosofia — escreveu em 1877, num artigo sobre Júlio Michelet — foi e será sempre um alto eclectismo, em que os dados da razão

---

<sup>4</sup> Parece-nos sugestivo corroborarmos aqui a indisciplina de Antero nas suas leituras, quer na selecção das obras, quer na atenção à letra dos textos, através do seguinte extracto da sua carta autobiográfica: «No meio das caóticas leituras a que então [1856-1864] me entregava, devorando com igual voracidade romances e livros de ciências naturais, poetas e publicistas e até teólogos... fiquei definitivamente conquistado para o *Germanismo*... Não sei se o [Hegel] entendi bem, nem a independência do meu espírito me consentia ser discípulo.... Como acomodava eu este culto pelas doutrinas do apologista do Estado prussiano, com o radicalismo e o socialismo de Michelet, Quinet e Proudhon? Mistérios da incoerência da mocidade!» Porém, estes não são apenas traços da juventude (se bem que se evidenciem mais neste período) mas prevaleceram característicos da reflexão anterior, como uma análise da sua bibliografia nos pode fazer verificar.

<sup>5</sup> Em 1885, Antero anunciava o propósito de, a partir de então, se dedicar fundamentalmente à filosofia, após a publicação do seu «testamento poético»: «A colecção dos meus Sonetos é o testamento do pobre poeta que acabou. Entro agora numa fase nova, e tenho jurado consagrar-me daqui em diante, todo e exclusivamente, ao trabalho de coordenação definitiva das minhas ideias filosóficas e, se tanto puder, à exposição metódica e rigorosa das mesmas». Carta a D. Carolina Michaëlis, in *Cartas*, n.º 465, p. 748. Dois anos mais tarde, em 1887, na sua carta autobiográfica a W. Storck, dirá: «Não sei se poderei realizar, como tenho desejo, a exposição dogmática das minhas ideias filosóficas. Quisera concentrar nessa obra suprema toda a actividade dos anos que me restam viver. Desconfio, porém, que não o conseguirei». Se, por um lado, o Autor reforça o seu intuito de elaboração de uma filosofia, por outro, revela-nos que ainda em 1887 o não tinha concretizado. Por fim, já em 1890, após a publicação do seu mais profundo trabalho filosófico, «Tendências gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX», confidenciaria a Oliveira Martins: «... vou fazendo leituras e acumulando pensamentos, para, quando isso me for possível, voltar a completar o trabalho filosófico que publicarei na *Revista [de Portugal]* e sobre a base do qual me parece que poderei fazer um livro que já se pareça alguma coisa com um livro», in *Cartas II*, n.º 647, p. 1007. Fica-nos, assim, a informação que Antero não chegou a concretizar a sua pretensa «filosofia» uma vez que, tendo vindo a falecer no ano seguinte, nada mais acrescentou aquele seu texto ou veio a escrever outro na sua esteira.



se combinam com as afirmações do sentimento moral, limitando-se e corrigindo-se mutuamente. O espírito de sistema pode brilhar na escola, mas na vida e na história só triunfa definitivamente e faz obra fecunda o espírito prático e humano.»<sup>6</sup> Ora esta «verdadeira filosofia» é afinal a sua própria filosofia, talvez não a idealizada mas a real: um pensamento eclético — insistimos —, que se estrutura e se desenvolve no esforço continuado de combinar aspectos aparentemente irreduzíveis, a «razão» e o «sentimento moral», e que não tendo sido satisfatoriamente alcançado pelo Autor o condicionará a pender para um dos elementos, a «vida», a «história», o «espírito prático e humano», daquela dialéctica fracassada (fracasso que, já em 1877, Antero entrevia como inevitável). Da sua filosofia ideal Antero abdica: «Estes pensamentos [correspondentes à sua reflexão sobre diversas correntes filosóficas] e muitos outros — diz —, mas concatenados sistematicamente, formam o que eu chamarei, embora ambiciosamente, a minha filosofia»<sup>7</sup>, sobre a qual, afirmará mais tarde, desistiu de expor «porque fazê-lo estaria acima de minhas forças e, ademais, ninguém me entenderia»<sup>8</sup>.

Antero, como ele próprio diz de si, permanecerá «um filósofo inédito»<sup>9</sup>. E a «filosofia», enquanto «equação do pensamento e da realidade, numa dada fase do desenvolvimento daquele e num dado período desta: o equilíbrio momentâneo entre a reflexão e a experiência: a adaptação possível em cada momento histórico (da história da ciência e do pensamento) dos factos conhecidos às ideias directoras da razão, e a definição correlativa dessas ideias, não por esses factos, mas em vista deles»<sup>10</sup>, permanecerá irrealizada. A síntese superior que Antero projectava, e cuja arquitectura foi sucessivamente alterando, restou-nos ainda em esboço como sempre foi. E os inúmeros e variados dados que ele reuniu durante toda a sua vida sobraram desarticulados.

Ora, se esta concepção anterioriana de filosofia motiva ao já mencionado estudo comparado da sua obra com as correntes filosóficas que nomeia, e não apenas, também, por outro lado, a insistência em se referir «à sua

---

<sup>6</sup> Citado por Joel Serrão in *Obras Completas de Antero de Quental. Filosofia*, 1991, p. 230.

<sup>7</sup> Carta autobiográfica a Wilhelm Storck.

<sup>8</sup> *Cartas II*, carta a Oliveira Martins (de Vila do Conde), nº 617, p. 967.

<sup>9</sup> *Ibid.*, *Idem*.

<sup>10</sup> ANTERO DE QUENTAL, «Tendências gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX», in *Filosofia*, p. 117.



filosofia» e de aludir por vezes à possibilidade de ser um precursor ou autor de uma nova filosofia (apesar de dizer igualmente não acreditar seja possível ser-se original), nos incita a procurar os traços característicos do seu pensamento filosófico, as «traves-mestras» da projectada síntese. Esta investigação, que supõe realizada a anteriormente indicada, percorrerá então os trabalhos em prosa de Antero em que a sua reflexão filosófica é mais aturada, privilegiando textos que marcam os diversos momentos por que o Autor foi sucessivamente passando. Assim temos: «Espontaneidade», de 1866, pertencente ao período em que Antero desperta verdadeira e entusiasticamente para a filosofia, reflectindo bastante das leituras que vinha praticando, sobretudo de Hegel; «Ensaio sobre as bases filosóficas da Moral ou Filosofia da Liberdade», de datação precisa incerta mas que se situa entre 1875-1885<sup>11</sup>, e em que se evidenciam as preocupações morais do autor a par de uma reacção antinaturalista; «A filosofia da natureza dos naturalistas», de 1886, em que a superação do pessimismo é já uma conquista e o compromisso com o projecto filosófico inegável; e «Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX», de 1889 e publicado já em 1890, trabalho previsto inicialmente como breve mas que se foi naturalmente desenvolvendo, vindo a parecer aos olhos de muitos como «a filosofia de Antero». Esta suposição terá ganho força com o desaparecimento do Autor na ausência de um trabalho filosófico posterior, apesar de Antero o negar inequivocamente: «Escuso de dizer-lhe [a Oliveira Martins] que não é a *minha filosofia*, aquela que V. sabe que eu tenho, com o seu método e teorias pariculares»<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> De acordo com Joel Serrão, in *Filosofia*, pp. 198-200.

<sup>12</sup> Para elucidação da origem das «Tendências» e do que elas representavam para Antero julgamos oportuno transcrever um extracto de uma carta sua a Oliveira Martins (de Vila do Conde): «Para mostrar afecto ao nosso querido Queirós, comecei a escrever, com destino à *Revista*, um artigo sobre as tendências gerais da Filosofia na actualidade, coisa sumária: mas o assunto apossou-se de mim, passou a ser quase outra coisa o trabalho e no fim de 3 meses acho-me tendo produzido um estudo, que na *Revista* dará 3 ou 4 artigos, e que depois ampliado será um livro. Ficou reservada muita coisa que naturalmente não cabe em artigos de *Revista*. Escuso de dizer-lhe que não é a *minha filosofia*, aquela que V. sabe que eu tenho, com o seu método e teorias particulares. Essa infelizmente desisto de a expor, porque está acima das minhas forças fazê-lo — e depois ninguém me entenderia. Mas, em suma, são as minhas ideias, somente expostas por um método impessoal, pondo de parte as minhas vistas originais e o processo próprio dialéctico, e apresentadas simplesmente como induzidas da evolução do pensamento moderno e mais especialmente das tendências filosóficas dos últimos 80 anos. De sorte que, amigo, ainda depois de publicar um livro de filosofia, ficarei sempre um filósofo inédito».



Uma breve passagem por estes textos vem a indicar, o que a análise aprofundada igualmente confirma, que o traço mais constante do pensamento filosófico de Antero é a sua natureza antitética e o seu sentido unitário. Aqui conflui a sua formação eclética e a sua aspiração sintética, a sua concepção de uma «filosofia» sincrética e a desejada expressão das suas «vistas originais e processo próprio dialéctico»<sup>13</sup>. Tornar-se-á evidente que o esquema da dialéctica hegeliana, que predominantemente estrutura o pensamento anteriano, daí resultando a sua indicada natureza antitética, se vem a revelar cada vez mais rígido e aprisionante de um modo de pensar que não se esgota na razão mas requer o sentimento, cujo sentido universal não se conquista apenas pela superação da oposição tese/antítese, mas exige a consideração simultânea de elementos distintos em vista da ambicionada unidade.

## 2. Um pensamento antitético e sucessivos ensaios da sua dissolução

Partimos, pois, da autenticidade de um pensamento dual, na sua confrontação intrínseca com realidades distintas que pretende igualmente contemplar. Ele evidencia-se em particular nos textos há pouco indicados, sendo ainda verdadeiro noutros que a escassez de tempo aqui não nos permite analisar, e tanto na prosa como na poesia. Este pensamento é também, por outro lado, um incansável perseguidor da unidade, a qual veremos ser diferente e sucessivamente ensaiada, ao longo dos anos e em cada um dos textos apontados. Note-se, mesmo, que é a virtuosidade de Antero na procura de novas soluções de unidade que desperta maior interesse nesta nossa problemática.

É que, afinal, o «equilíbrio» que há pouco mencionámos citando o Autor em 1990, se define bem o que a filosofia pode e deve ser, revela-se-nos como uma solução tardia, e atrevo-me a dizer que também efémera, para superar as diferentes dualidades que, na sua estrutura racional, parecem radicais e definitivas. Com efeito, no período inicial da sua reflexão filosófica, Antero procurava um elemento superior à dualidade, sob o signo do qual a unidade prevaleceria. Não o chegou, porém, a estabelecer de forma que esse

---

<sup>13</sup> *Cartas II*, carta a Oliveira Martins (de Vila do Conde), n.º 617, p. 966.

princípio se tornasse a si próprio irrefutável e, já mesmo no final de «Tendências gerais da Filosofia», acaba por resvalar — se assim nos é permitido dizer — por um dos aspectos em confronto.

### — Espontaneidade

Começemos por nos deter no texto «Espontaneidade»<sup>14</sup>. Seleccionámo-lo em virtude de não só nos introduzir já em algumas das mais prementes antinomias com que Antero se depara como por avançar também numa via de superação que, a nosso ver, podia ter sido uma das mais originais empreendidas pelo Autor. Ele não a chegará, porém, a desenvolver amplamente, apesar de vir a retomar o conceito e com maior insistência em «Tendências gerais da filosofia». Texto curto, coloca-nos de imediato perante a distinção entre o mundo da «história» e o mundo da «natureza»<sup>15</sup>, cujos fenómenos diversos a filosofia do século XVIII descobriu como regendo-se por uma mesma «Lei», a lei da razão. Deste modo, a «filosofia das luzes» terá suprimido o princípio do sobrenatural, realizado «o acto de abdicação do maravilhoso: na história, o milagre; no espírito, o mistério», pela afirmação do princípio do «razoável». É a razão que, exercendo-se na história ou na natureza, assume respectivamente o nome de «consciência e liberdade» ou de «lei natural ou força».

Este hino à razão que o século XVIII entoava tem uma outra virtualidade a que Antero concederá cada vez mais e mais valor: «a afirmação do *eu* humano»<sup>16</sup>. É este «eu», iluminado pela razão universal, que conquista o mundo e se conquista a si, tornando-se consciência e ganhando a «liberdade». No entanto, e é na segunda metade do texto que Antero introduz a sua crítica ao pensamento deste século, há que tomar estas realidades no «concreto», operando a transição, ou seja, possibilitando a comunicação «das *ideias* para a *vida*»<sup>17</sup> — o que se vem a afirmar como uma nova e mais aguda dualidade. É que a supressão de qualquer antinomia não se pode realizar meramente ao nível das «ideias» mas é forçoso que se cumpra, que se concretize na dimensão da «vida» — aspecto que a filosofia do século XVIII negligenciou ou esqueceu. Nesta perspectiva, também a própria dualidade «ideias/vida» se veria superada.

<sup>14</sup> ANTERO DE QUENTAL, «Espontaneidade», in *Filosofia*, pp. 43-49.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 43.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 45.



Assim, será considerando a perspectiva da «vida» e situando-se no plano do «concreto» que Antero prosseguirá afirmando então que a reflexão, as ideias, a consciência não constituem uma realidade desde sempre mas correspondem a um determinado estágio de desenvolvimento da humanidade, o último e mais perfeito, antecedido por um longo e laborioso trabalho do espírito. É, pois, o «espírito» que, já neste texto sobre a «Espontaneidade», assume a função de síntese — o que, aliás, denota com clareza o entusiasmo com que Antero abraçava então o hegelianismo. A «razão», que o período das *Aufklärung* elegera como princípio superior capaz de orquestrar todas as harmonias, não é ratificada por Antero como um autêntico princípio de síntese — função que só pode vir a ser desempenhada pelo «espírito», ele que é anterior à razão e condição do seu advento.

Este destaque, que a verdade protagonizada pelo «espírito» sempre merece por parte de Antero, ganha uma especificidade de relevo no presente texto de 1866 ao ser focada sobretudo na sua origem, ou seja, como diz o Autor, «o espírito menos a reflexão». A «idade anterreflexiva» do espírito, «as origens espirituais da humanidade», «a lei dessa hora primeira do espírito, chama-se *espontaneidade*»<sup>17</sup>. A «espontaneidade» parece-nos ser o elemento que Antero aqui introduz de maneira verdadeiramente original ao fazer nela assentar a possibilidade real de uma unidade autêntica subjacente a toda a diversidade que o movimento gera e o qual, aliás, a própria espontaneidade promove. Vejamos como.

A «espontaneidade», «princípio íntimo» que parece reger todos os movimentos do real antes de estes virem a ser dominados pela lei da razão, ela que pertence à vida, que é uma lei natural, que é a força da natureza e que, assim sendo, perpassa todas as etapas de desenvolvimento do real (a natureza, o humano e o puramente espiritual), deveria, consequentemente, mostrar a virtualidade de vir a ser compreendida e assumida pela consciência e por ela prosseguida voluntariamente, unificando assim a «vida» e as «ideias», a «natureza» e «história», conduzindo-nos do reino da «natureza» ao reino da «liberdade». Estas legítimas implicações da adopção do princípio da espontaneidade, supostamente primeiro manifesto na natureza e depois alargado até ao nível do humano, não terão sido claramente entrevistas por Antero — já o dissemos. Por um lado, ele atribui a expressão da «espontaneidade» a um nível anterreflexivo, sim, mas limitando-se à

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 46.

<sup>18</sup> *Ibid.*, pp. 47-48.



dimensão humana. Dessa forma, Antero acaba por subordinar as dualidades antes enunciadas, bem como o seu princípio unitário à perspectiva humana, perdendo uma oportunidade soberana para abarcar o real universal. Por outro lado, a «espontaneidade» acaba por corresponder ao nível anterior ao da «razão» no desenvolvimento do homem, constituindo uma nova dualidade que cabe ao «espírito» unificar. Neste sentido, a noção de «espontaneidade» deixa de ser pertinente.

E, não obstante, Antero termina dizendo: «Vê-se que a obra do homem tem por fundamento os mesmos fundamentos do Universo. A alma sente-se irmã no meio de todas as forças do mundo, e segue crente e confiada nos destinos comuns da família universal. Isto basta para a segurança do espírito como para a paz do coração»<sup>19</sup>. O que diríamos ser o verdadeiro alcance da enunciação da «espontaneidade», como lei da natureza assumida, interiorizada e transformada pela consciência, como princípio de síntese universal vem, por último, a ser afirmado sem, todavia, ter sido fundamentado.

Para concluir a referência à «Espontaneidade» queremos apenas sublinhar que, aqui, o discurso do Autor decorre, como se virá a tornar habitual, como uma reflexão sobre a história da filosofia, neste caso, sobre as conquistas da filosofia do século XVIII para o progresso do pensamento ocidental. Neste contexto os traços de uma filosofia de Antero permanecem envolvidos pelos seus comentários sobre a história da filosofia o que, confirmando a atmosfera eclética que respira, condiciona-o, por outro lado, na livre e original exposição do seu pensamento, resultando por vezes — e tal como se apontou neste texto — numa certa atrofiação da sua reflexão e mesmo numa desarticulação interna do seu discurso ao nível dos fundamentos.

### — Liberdade

Passemos ao «Ensaio sobre as bases filosóficas da moral ou Filosofia da Liberdade», mantendo o objectivo de evidenciar as diversas dualidades com que Antero se confronta e os ensaios que esboça para a sua dissolução. Verificamos, então, que este pensamento antitético se estende a novos domínios. Agora, a preocupação é especificamente metafísica centrando-se

---

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 49.



na dualidade «essência/existência» que a ideia de «Ser», apesar de se descobrir como uma ideia mais simples e elementar a que todas as outras se reduzem, não consegue fazer coincidir: «Existe, porventura, uma unidade suprema em que se fundam e desapareçam estes dois elementos antitéticos e ao parecer irredutíveis da ideia do Ser e que os deixe por essa síntese, reduzidos a um simples momento? e qual é essa unidade? e qual a razão dessa aparente oposição dentro da unidade superior? É bem sabido que ainda não foi possível à Filosofia dar a estas perguntas uma resposta que satisfaça»<sup>20</sup>.

«Essência e existência», «experiência e razão», «Realidade e Absoluto» — são as dualidades em que Antero se detém neste escrito. Para além destas novas oposições, desperta-nos a atenção a aceitação da antinomia como *dado primeiro* e o surgimento da «liberdade», cujo sentido parece conter implicitamente o anterior de «espontaneidade») como nova fórmula para a procurada síntese.

Diz-nos Antero: «Em vez, pois, de perdermos, depois de tantos outros, o nosso tempo à procura da explicação deste grande e primitivo mistério de todas as cousas [...] porque não tomaremos outro caminho? porque não aceitaremos esta antinomia, como *dado primeiro* da razão, o ponto preciso em que (seja pelo que for) o real e o ideal se tocam sem se confundirem, e não tentaremos construir sobre ele, como sobre a rocha primitiva, o edifício das nossas especulações? Seja por que motivo for, esta antinomia é, se não o *facto* em si, com certeza o *nosso facto*, o *facto* evidente da nossa mesma constituição. Ela é, ao menos para nós, o *incognoscível*, e só para cá desse *incognoscível* é que a Filosofia pode começar»<sup>21</sup>.

Ora parece-nos que este pressuposto de que Antero vem a partir que o impossibilita verdadeiramente de alguma vez descobrir o autêntico princípio de síntese do universal. Aliás, esta posição vem ao encontro da atitude anteriormente assumida perante a «espontaneidade», restringindo-a na sua análise à dimensão humana. Também a antinomia essência/existência pode ser o *dado primeiro* da razão mas não o é no real universal. Daí que toda a investigação acerca desta problemática deva procurar, num nível inferior e mais profundo à razão, a verdadeira causa desta e de outras antinomias, numa investigação que diríamos genealógica, uma vez que todas as antinomias ganham expressão no plano racional. O plano racional é de

---

<sup>20</sup> ANTERO DE QUENTAL, «Ensaio sobre as bases filosóficas da moral ou Filosofia da Liberdade», in *Filosofia*, pp. 68-69.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 70.



indole dicotómica pelo que o princípio sintético que regula o desenvolvimento da diversidade se deve procurar num nível anterior ou posterior a essa diversidade. Antero caminha para o superior, uma vez que não considera a realidade infrahumana.

Quanto ao segundo aspecto, a Liberdade como podendo desempenhar essa função de síntese, formulamo-lo a partir das observações de Antero a propósito do «fortuito no Universo»: «Se [as mónadas] fossem perfeitamente livres, obedeceriam sempre e perfeitamente à sua natureza e como essa natureza é em todas idêntica, as suas correlações seriam de uma justeza absoluta, absoluta e harmónica entre todos os momentos de todas elas. [...] Num Universo perfeitamente livre, todos os seus elementos, condicionando-se sempre a si mesmos, mostrariam em todas as suas relações a sua perfeita identidade, nada haveria de irracional e de imprevisto»<sup>22</sup>. Uma existência que decorra verdadeiramente sob o signo da liberdade corresponde à mais absoluta realização da sua própria essência uma vez que tal equivalerá à obediência estrita da sua natureza. Natureza e liberdade corresponder-se-iam, existência e essência também, pelo que seria sob o signo da mais plena liberdade que a harmonia universal se concretizaria.

Nesta perspectiva a liberdade desenvolve-se na linha de continuidade da espontaneidade, o que aliás veremos confirmado em «Tendências gerais da filosofia»: «Na espontaneidade inconsciente da matéria está a raiz do que na consciência e na razão se chama verdadeiramente liberdade»<sup>23</sup>. É uma mesma lei que rege todo o desenvolvimento do homem, quer a nível inconsciente, quer consciente — assim se retomando o sentido do último trecho de «Espontaneidade» —, e essa lei é a da razão. É também uma mesma lei, a da razão, que rege todo o progresso universal, como Antero virá claramente a reconhecer em «Tendências gerais da filosofia» ao evocar de novo a espontaneidade, então em sentido mais amplo e como que desenvolvendo a análise que em sentido mais amplo e como que desenvolvendo a análise que em 1866 parece ficar em suspenso. Aqui não há contradição com o anteriormente exposto pois o «espírito», para Antero como para Hegel, é de índole racional. E quanto ao problema que o relacionamento entre a espontaneidade e a liberdade coloca, a saber, a conciliação dos «fenómenos subjectivos» com a «realidade objectiva», da «liberdade» com o «determi-

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 77.

<sup>23</sup> «Tendências gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX», p. 159.



nismo»<sup>24</sup>, é ainda à razão que Antero recorrerá, em «A filosofia da natureza dos naturalistas»<sup>25</sup>, tomando-a como um princípio uniformizador ou sintético.

### — Finalidade

«A Filosofia da Natureza dos naturalistas»<sup>26</sup> traz-nos a formulação de novas dualidades, desta sorte motivadas pela reflexão de Antero a propósito da «filosofia da natureza» exposta no livro de Vianna de Lima. Referimo-nos, em particular, a «ciência e metafísica», «duas séries convergentes que partem de pontos opostos e com leis de desenvolvimento diversas [«observação e especulação»]»<sup>27</sup> mas que têm um ponto de encontro, a «filosofia». Com efeito, e um pouco à semelhança do que já acontecera em relação ao texto anterior, o que de mais interessante aqui nos surge não reside nas dualidades apresentadas — de algum modo comuns na história da filosofia e que vêm a adquirir diferentes especificidades em virtude do contexto em que surgem —, mas, mais uma vez também, na tentativa de ultrapassagem das mesmas. E, neste texto, é a própria filosofia que é chamada a operar a síntese entre os desequilíbrios que ocorrem ao nível do conhecimento.

Assim, neste texto de 1886, começamos a ver clarificada a concepção anteriana de filosofia que se consolidará em 1889, uma filosofia que abarca o «positivo» e o «especulativo», a «razão» e a «consciência», e que se reforça na procura insana da sua síntese interna como da sua unidade com o universal. Ora este esforço é particularmente notório em «A Filosofia da Natureza dos naturalistas» que nos traz como seu importante contributo a introdução da ideia de «finalidade», um verdadeiro princípio de síntese válido quer para o desenvolvimento individual, quer para o progresso

<sup>24</sup> Testemunho de Aristides da Mota, amigo e convivente do filósofo, prestado a Ruy Galvão de Carvalho, e utilizado por J. BRUNO CARREIRO, Antero de Quental, vol. II, Braga, 1981, p. 240.

<sup>25</sup> «Matéria e espírito, determinismo e liberdade, evolução e finalidade não são ideias contraditórias senão na aparência: de facto, são só duas esferas diferentes da compreensão, tese e antítese, cuja síntese é a razão», ANTERO DE QUENTAL, «A Filosofia da natureza dos naturalistas», in *Filosofia*, p. 108.

<sup>26</sup> ANTERO DE QUENTAL, «A Filosofia da Natureza dos naturalistas», in *Filosofia*, pp. 93-112.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 95.

universal. Toda a expressão do dinamismo, de autonomia, implica a realidade de um fim, procede de acordo com ele, e tal é a sua finalidade. Afirmando-se como aspecto constitutivo de todo o real, na medida em que este está em permanente evolução, esta noção de «finalidade», que envolve de certo modo a de «espontaneidade», vem explicitar o domínio da razão enquanto reguladora de todo o progresso.

«Espontaneidade», «liberdade» e «finalidade» são sucessivos termos a que Antero recorre para designar uma mesma realidade: a unidade necessária a todo o devir. A sua sucessão parece-nos corresponder a um processo de deslocamento de interesse do exterior para o interior, da natureza para o homem, e da sua progressiva intensificação.

Por isso não surpreende que ainda em relação a este texto, e até porque ele marca uma etapa em que o Autor opta decisivamente pela filosofia, importe salientar a tendência cada vez mais acentuada de se ater ao humano, não tanto considerado na sua estrutura racional mas na textura da sua consciência. Paralelamente à razão afirma-se a consciência, com igual grau de realidade e igual nível de exigências. «Tendências gerais da filosofia» será a confirmação e o desenvolvimento da valorização da consciência.

#### — Consciência

«Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX»<sup>28</sup> é um trabalho que só por si, mesmo na perspectiva limitada que aqui adoptamos, mereceria uma análise individual que ultrapassa o âmbito deste nosso estudo. Verificamos que todas as dualidades que o Autor foi formulando ao longo da sua vida vêm a estar, de uma maneira ou de outra, presentes neste texto, surgindo entre tantas outras que aqui são introduzidas (como «dinamismo mecânico» e «dinamismo psíquico»). É uma oportunidade, não tanto para continuar o inventário já iniciado, como para determinar as antinomias que verdadeiramente dominam o pensamento filosófico de Antero.

Assim, parece-me que o filosofar anteriano se estrutura e se define fundamentalmente entre duas antinomias: numa perspectiva metafísica entre «naturalismo» e «espiritualismo», numa perspectiva humanista entre a «metafísica» e a «moral». Ora, aquilo a que assistimos neste último

---

<sup>28</sup> ANTERO DE QUENTAL, «Tendências gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX», in *Filosofia*, pp. 115-171.



trabalho de Antero é a um progressivo e decisivo deslocamento da perspectiva metafísica para a humanista, de uma metafísica para uma moral. Não se trata nunca de uma anulação ou separação de um dos dois aspectos supostamente em conflito, mas tão somente a opção privilegiante de um e hierarquizadora de ambos. Esta opção vem a dar-se na terceira parte, a mais densa e menos desenvolvida, a mais inovadora no conspecto geral do seu pensamento e menos sistematizada, aquela que parece iniciar uma viragem que permanecerá sem continuidade.

Agora é o momento da «consciência», da «consciência individual», da «consciência moral»: «No mundo da consciência dissolvem-se todas as leis naturais e sociais na única lei moral»<sup>29</sup>. Sem nunca subestimar a especulação, Antero conclui que não é uma estrutura formal de uma razão puramente especulativa, abstracta e árida, que as oposições se esbatem, mas somente no dinamismo da prática, na intimidade da consciência, na universalidade do amor. Agora é o «eu» que domina na sua singularidade universal. Agora é o momento do coração.

Por último, e assim concluímos, note-se que o interesse das diferentes dualidades que Antero enuncia não reside na sua própria formulação, que pouco de original possui, mas na confirmação da sua continuidade, da sua persistência e acuidade ao longo de toda a obra anterior, testemunho vibrante da ambiência de permanente conflito que vê nascer e anima esta filosofia. Mais interessante será sistematizar a atitude de Antero perante as antinomias que se lhe deparam. Numa primeira fase, ele procura conciliar tese e antítese através de uma síntese superadora dos aspectos em confronto; numa segunda, ele aceita já como tais as contradições que a realidade oferece, afirmando-as, porém, como aparentes quando consideradas sob o ponto de vista total da razão; e, finalmente, num terceiro momento, Antero acaba por optar por um dos termos em conflito, privilegiando-o ainda que sem descurar o outro. Antero procura primeiro superar, e depois anular, a natureza antitética do seu pensamento que só parcialmente ultrapassa, optando por uma inteligência humanista, por uma Filosofia do coração, admitindo então ter já saído do «terreno da filosofia propriamente dita»<sup>30</sup>.

<sup>29</sup> Ibid., p. 164.

<sup>30</sup> Ibid., p. 170.

Separata do livro  
*Congresso Anteriano Internacional - Actas*  
14-18 . Outubro . 1991